

VIDEOAULAS E O USO DO AVATAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

MIKAELLA DE CERQUEIRA SOARES¹
LUCIANA MATIAS CAVALCANTE²

RESUMO

A tecnologia está muito presente no cotidiano das pessoas e no caso das crianças, adolescentes e jovens isso se torna mais evidente, pois são nativos digitais que nasceram imersos em uma sociedade tecnológica. Assim, como não existe somente uma forma de ensinar remotamente, com a vasta utilização de videoaulas em diferentes cursos e escolas, expomos as angústias entre os avanços dos dispositivos tecnológicos, considerando seu uso e aplicação e a necessidade de se manter um padrão educacional de qualidade para essas práticas. Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe apresentar práticas de ensino mediadas por videoaulas aplicadas por uma professora em formação inicial, com vivências no âmbito do Programa Residência Pedagógica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, a fim de refletir sobre a apresentação do “avatar”, em aulas com turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Parnaíba - PI. As videoaulas foram elaboradas sempre com a utilização de um avatar, com a identidade da professora-residente, utilizado para mediar o diálogo com as crianças, chamando sua atenção, assim como tornar as videoaulas mais divertidas, com maior interação e dinâmica, mediando a relação entre professora, discentes e o conhecimento. Observamos que a utilização do avatar tornou os vídeos mais interativos, estimulando e motivando as

1 Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, mikaellacs@hotmail.com;

2 Pedagoga, docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, luciana@ufpi.edu.br;

crianças a assistirem a videoaula, participarem das discussões e, posteriormente, realizarem as atividades propostas.

Palavras-chave: Videoaulas. Ensino Remoto Emergencial. Avatar. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A adesão ao ensino remoto emergencial, durante a pandemia Covid-19, revelou muitas dificuldades vividas pelos protagonistas do sistema de educação pública, principalmente quanto ao uso das tecnologias digitais, seja relacionada à infraestrutura ou a ausência de formação para sua aplicação. Secretarias de educação, escolas e famílias, de forma brusca e repentina, tiveram de se adaptar para conseguir oferecer e participar de aulas à distância e, além delas, principalmente os professores enfrentaram grandes desafios na preparação de conteúdo, principalmente conteúdos audiovisuais, e isso se fez de diferentes formas, pondo a prova a capacidade de criar e inovar desses profissionais. Com isso, o que era emergencial acabou se tornando algo mais consistente com o passar do tempo.

As salas de aulas tiveram que ocupar um novo tipo de espaço, os professores tiveram que se reorganizar para conseguir dar aulas nessa modalidade, não tendo muitos a preparação adequada para lidar com as tecnologias, principalmente em tempos de isolamento social. As práticas docentes no cenário de pandemia precisaram ganhar novas medidas. Nesse contexto, os professores têm vivenciado muitos desafios: carência de tecnológicas e de formação adequada para seu uso; internet com baixa velocidade ou apenas associada a dados móveis das operadoras de celular, realidade tanto dos professores quanto dos alunos; dificuldade no manejo do computador, tablet, smartphone, gravação e edição de videoaulas, assim como dificuldades de uso de ambientes e aplicativos virtuais de interação, tais como *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, e outras plataformas online. Além de tudo isso, ainda podemos destacar as dificuldades para desenvolver coletivamente as práticas rotineiras do trabalho docente, tais como: planejamento de aulas e atividades, registro em diário de classe e reuniões pedagógicas, avaliação da aprendizagem, além de outras.

O ensino remoto reafirmou mais ainda as desigualdades sociais que a escola pública e seus protagonistas vivem em seu cotidiano, tendo professores e estudantes-professores, muitas vezes, sem recursos básicos para conseguir preparar suas atividades, além das fragilidades na manipulação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Alunos que não possuíam dispositivos tecnológicos e internet para ter acesso aos ambientes virtuais, a fim de

assistirem as videoaulas e receberem as atividades, ou possuíam o dispositivo, como o *smartphone*, porém não possuíam acesso à internet para carregar vídeos e atividades; crianças sem interesse em assistir as videoaulas, tendo dificuldade no acompanhamento por parte dos familiares que, com baixo índice de escolaridade, não conseguiam auxiliar efetivamente nas atividades propostas. Desta forma, enfrentamos esse cenário, com essas e outras dificuldades, em escolas que atendem a um público em vulnerabilidade social. Concordamos com Eloim Senhoras quando afirma que:

[...] a pandemia da COVID-19 criou amplas repercussões negativas nos diferentes Sistemas Nacionais de Educação que tendem a reproduzir um ciclo vicioso de desigualdades, o qual transborda de modo preocupante uma latente ampliação de assimetrias previamente existentes entre classes sociais, regiões e localidades, nos desempenhos dos setores público e privado ou ainda na efetividade educacional nos diferentes níveis de ensino (2000, p.135).

Com isso, as condições que surgiram como exigência do ensino atual e suas necessidades de adaptações em pouco tempo vem deixando professores e alunos em uma situação vulnerável e desafiadora. Nesse contexto, o foco da formação docente, nesse contexto de emergência, levou os docentes a investir em treinamentos e preparação para o uso de tecnologias digitais, assim como, organizar-se para conseguir ensinar através dessas ferramentas.

Em meio a esses desafios, o ensino remoto se instalou e impôs aos professores a reinvenção de suas práticas, o que estava além do que muitos utilizavam e aprenderam em suas formações iniciais e continuadas. Moreira, Henriques e Barros refletem que:

[...] a pandemia da COVID-19 “obrigou”, professores/as e alunos/as, a mudanças rápidas de práticas devido a suspensão das atividades presenciais. Isso “gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência” (2020, p. 352).

Complementa Silva (2010, p. 38):

A formação dos professores para docência presencial ou *online* precisará, então, contemplar a cibercultura. A contribuição da educação para a inclusão do aprendiz na cibercultura exige um aprendizado prévio do professor. Uma vez que não basta convidar a um *site* para se promover inclusão na cibercultura, ele precisará se dar conta de pelo menos quatro exigências da cibercultura oportunamente favoráveis à educação cidadã.

Nesse contexto, a busca pela utilização de videoaulas nos cursos e práticas escolares, expõe um sentimento de angústia dos professores nesses processos, face aos avanços dos dispositivos tecnológicos e a dificuldade em lidar com sua aplicabilidade, na busca por manter um padrão educacional, refletindo sobre a qualidade dessa educação. Nesse estudo buscamos analisar como os professores nessa educação remota podem desenvolver e apoderar-se das videoaulas, no sentido de somar à prática educativa papéis que possibilitem mais interações, colaborações, negociações e produção de diferentes conhecimentos.

O objetivo do presente trabalho é refletir acerca do processo lúdico-educativo de videoaulas mediadas pelo avatar, produzidas somente pelo smartphone, para turmas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, durante os três módulos da Residência Pedagógica, em salas de aula organizadas no aplicativo *Whatsapp*. Foi observado que a utilização dos avatares tornou os vídeos mais interativos, chamando a atenção e motivando as crianças a assistirem e prestarem atenção nas videoaulas, para posteriormente fazerem as atividades propostas. Essa experiência mostrou que esse recurso didático é capaz de influenciar de forma positiva e direta o campo de interesses da criança, contribuindo para a aprendizagem do(a) discente.

METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho, inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica, na qual procuramos destacar as produções acadêmicas relacionadas ao tema em estudo: videoaulas no contexto do ensino remoto. Com isso, nesse processo, buscamos utilizar como base teórica estudos e pesquisas referentes a cada uma das categorias

abordadas na temática desse artigo, alinhados ao relato de experiência, com práticas vividas por uma residente do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr.

Esse relato de experiência procura descrever e analisar o uso do Avatar nas videoaulas, percebendo-o como recurso pedagógico. Esse recurso foi utilizado em diferentes videoaulas, com aplicação no ano de 2020 e 2021, nos três módulos do Programa Residência Pedagógica, que se passou somente no formato remoto, através de aulas em grupo de *WhatsApp*.

Durante a Residência Pedagógica, realizamos ambientação na escola com estudo do Projeto Político Pedagógico e observação participante nas aulas, práticas de tutorias com atendimentos individuais, produção e aplicação de projetos pedagógicos e práticas de regências nos três módulos, os quais se passaram em Escolas Municipais da Cidade de Parnaíba-PI, por meio de Ensino Remoto, principalmente com videoaulas enviadas pelos grupos das turmas no *WhatsApp*. Além disso, vivenciamos momentos de coletivos de formação, tais como: oficinas, minicursos e participação em eventos, além de reuniões sistêmicas de socialização, reflexão e avaliação de nossas práticas.

A partir das observações participantes, pudemos conhecer o funcionamento das aulas, observando como acontecia a interação e aprendizado das crianças. Com isso, notamos que muitas não interagiam no grupo, assim como no módulo I, no qual ficamos com uma turma da Educação Infantil, notamos que quem falava mais no grupo eram apenas os responsáveis ou pais e não as crianças. Diante disso, houve a ideia de usar o avatar da residente, para que de certa forma, se fizesse presente em imagem no grupo através de figurinhas divertidas, assim como nas videoaulas, para que despertasse maior interesse das crianças, para participar das conversas, estimulando sua atenção nas videoaulas e assim tornasse a aprendizagem mais divertida. O avatar é produzido com o auxílio de outro aplicativo chamado *Bitmoji*, no qual podemos escolher as características físicas e vestimentas. Depois de gerado, o avatar pode ser importado para o *Whatsapp* para que seja usado como figurinha.

Com o uso do avatar, as crianças poderiam se sentir mais próximas da “professora”, se sentiam mais confortáveis para participar, assim como as videoaulas chamavam mais atenção, fazendo com que as crianças, muitas vezes, até revissem a videoaula.

Esse processo do uso de avatar nas videoaulas, assim como em figurinhas para interação no grupo da turma do Whatsapp, foi aplicado no decorrer dos três módulos da Residência Pedagógica, os quais trabalhamos com turmas diferentes, com crianças de idades diferentes, porém a base de funcionamento no grupo e interação era praticamente a mesma.

Com isso, podemos ver a importância da observação participante, pois através dela, analisamos o contexto da aula avaliando as principais dificuldades e conseguimos intervir, criando uma forma para melhor prender a atenção das crianças nas videoaulas e fazer com que interagissem mais na sala de aula, via *WhatsApp*, para que pudéssemos suprir dúvidas e ajudar no processo de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas crianças enfrentam dificuldades de aprendizagem nesse momento da pandemia Covid-19, tanto em função do isolamento e afastamento das escolas, como da dificuldade de adaptação ao ensino remoto, fazendo com que muitas não conseguissem acompanhar de forma adequada os conteúdos apresentados, o que se aprofunda dada a falta de interesse em participar das aulas, fator relatado por muitos colegas residentes nas reuniões de avaliação de nossas práticas.

Nas Escolas Municipais de Parnaíba-PI, em que atuamos, as aulas remotas aconteceram principalmente em grupos no *WhatsApp*, através de videoaulas, orientações e acompanhamento de atividades em atendimentos individuais. Os vídeos não podiam ser muito longos, principalmente para as crianças da Educação Infantil, em busca de maior atenção e concentração, assim como não deveria dificultar o *download* ou ocupar muito espaço no celular dos pais, pois a dificuldade com internet e falta de acesso a equipamentos de qualidade constituiu fator relevante nesses tempos de ensino remoto. Esses foram alguns dos desafios encontrados para se conseguir produzir aulas e atividades que fossem efetivas na aprendizagem dos alunos. E diante desse cenário remoto e das observações participantes, escolhemos utilizar um avatar da residente, em formato de diferentes figurinhas, como apoio pedagógico, a fim de gerar maior aproximação e melhorar a interação com as crianças. As figurinhas ativavam um clima de alegria e de brincadeira, além de ilustrar e mediar a apresentação dos conteúdos,

estimulando a atenção nas videoaulas. Para as videoaulas produzimos várias imagens do avatar, com reações de acordo com as imagens e trechos de vídeos utilizados nas videoaulas. Com isso, o avatar entra como aliado, para aproximação e estímulo à atenção das crianças, contribuindo para que esses alunos consigam aprender, tirando suas dúvidas de uma forma mais divertida e interativa.

No primeiro módulo da Residência Pedagógica atuamos na Educação Infantil, portanto crianças de 4 e 5 anos, o que de uma certa forma torna o desafio de planejamento, produção e edição das videoaulas um pouco mais complicado, pois as regências aconteceram muito próximas uma das outras, e pelo fato de ser uma turma com crianças mais novas, os vídeos não poderiam ser muito extensos e precisariam ser bem planejados para garantir que prendessem a atenção das crianças e para que conseguissem entender e compreender os assuntos abordados.

As videoaulas com o uso do avatar foram bem recebidas, e muitas crianças participavam das aulas em sequência, mandando áudios. Iniciávamos com um bom dia e fazíamos atividades de preparação para a aula com uma canção ou roda de conversa, depois enviávamos a videoaula e solicitávamos que as crianças assistissem. Após questionávamos sobre o que compreenderam, algumas enviavam áudios e fazíamos a mediação. No final explicávamos a atividade e após desenvolvida eram encaminhadas no grupo, mandavam de imediato ainda dentro do horário da aula para que fossem corrigidas e, posteriormente, depois de corrigidas, as crianças eram liberadas.

No segundo módulo, atuamos com uma turma das séries iniciais do Ensino Fundamental, e assim como a turma do Infantil IV, as aulas conseguiam acontecer de modo síncrono na parte da manhã. Sempre planejávamos nossas práticas realizando a sensibilização inicial, levantamento dos conhecimentos prévios, apresentação da videoaula, discussão com as crianças sobre o que compreenderam, após, apresentação da atividade e envio das produções pelas crianças seguido da correção com participação síncrona, depois de corrigida a atividade, as crianças eram liberadas. Algumas vezes, porém poucas crianças, não conseguiam terminar tudo dentro do tempo da aula, então, a atividade para ser corrigida, ficava para ser enviada na próxima aula, além disso fazíamos também atendimentos individuais.

No terceiro e último módulo do Residência Pedagógica, atuamos no 1º ano do Ensino Fundamental, porém, diferente das outras duas turmas, não trabalhamos com aulas síncronas, o que gerava angústia e desconforto, o sentimento era que não estávamos conseguindo desenvolver uma prática efetiva, como nos dois primeiros módulos. As aulas aconteciam no período da tarde, porém muitos pais não estavam em casa e não havia outros responsáveis para acompanhamento das crianças, para que assim, pudessem participar e acompanhar a aula simultaneamente. Com isso, as videoaulas eram enviadas e a maioria das crianças só conseguia assistir na parte da noite, respondiam as atividades que, muitas vezes, eram enviadas para correção tarde da noite. Porém, mesmo sem o acompanhamento síncrono da maioria das crianças, as videoaulas continuaram sendo feitas com planejamento interativo e uso do avatar e, da mesma forma, os diálogos no grupo também eram mediados pelas figurinhas do avatar. O avatar era usado no grupo em formato de figurinhas com expressões diversas: alegria, questionamento, vibrante, etc. As figuras 1 a 6 ilustram o recurso avatar utilizado nas aulas para interação com os alunos:

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



As crianças interagem muito mais com o uso do avatar, e ficavam felizes quando recebiam as figurinhas em resposta das suas atividades feitas e corrigidas, o que cada vez mais, gerou interesse, motivação e espera pela próxima aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a Educação no contexto do Ensino Remoto pode dar outros passos à frente e aproveitar melhor os potenciais das TDICs, mesmo em aulas no contexto físico escolar.

Os desafios da Educação no formato remoto no contexto da pandemia do COVID-19 presumem avaliar as potencialidades das TDICs, principalmente dos smartphones e desta forma trabalhar a formação dos docentes para que reflitam, decifrem e apropriem-se das TDICs no contexto educacional, tanto na forma remota, como presencial, pois as tecnologias, cada vez mais se mostram necessárias no meio da educação.

Ao tratar dos desafios e possibilidades das videoaulas no contexto do Ensino Remoto, entendemos que as videoaulas, principalmente nesse contexto, podem ser potencializadoras do trabalho docente se forem cuidadosamente planejadas e usarem de recursos divertidos e interativos, para prender a atenção dos alunos e gerar maior interesse.

O uso do avatar da residente nas videoaulas e em formato de figurinhas do Whatsapp, tornou as atividades mais atraentes para os alunos, além de incentivar maior interesse pelas aulas e atividades. Com isto, percebemos a necessidade e importância de observar e conhecer a turma, assim como, o contexto que se vive, pois assim o professor pode planejar e executar as videoaulas voltadas exatamente com o conhecimento que se quer passar, para a realidade que se está inserido.

Observamos que as crianças demonstraram bastante interesse em assistir as videoaulas, assim como, responder as atividades, para receber figurinhas com o avatar gerando interação contínua entre residente e alunos. Diante das videoaulas criadas com o uso do avatar, as crianças demonstraram entusiasmo e atenção, dessa maneira, podemos concluir que o interesse e dedicação para a construção das vídeo aulas de uma forma lúdica, padronizada e diferenciada com o uso do

avatar é primordial para gerar um maior interesse e aproximação dos alunos com os professores.

Apoio: CAPES

REFERÊNCIAS

BITMOJI. Bitimoji seu emoji pessoal. Versão 11.69. Toronto, Ontario, Canada. 15 de março de 2022. Disponível em: <https://www.bitmoji.com/>

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p.351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SENHORAS, Eloim. **Coronavírus e Educação:** Análise dos Impactos Assimétricos. Boletim de Conjuntura, v. 2, n. 5, p.128-136, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/Covid-19Educacao>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: Desafios à formação de professores para a docência online. **Revista digital de tecnologias cognitivas**, PUC-SP, n. 3, jan./jun., 2010.